



## **DEMOCRACIA FUGITIVA E TOTALITARISMO INVERTIDO DE SHELDON S. WOLIN \***

*Fugitive Democracy and Inverted Totalitarianism by Sheldon S. Wolin*

Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd \*\*

**Resumo:** Este artigo questiona a dimensão crítica da democracia analisada por Sheldon S. Wolin. A partir da década de 1980, o impulso de Wolin de diagnosticar as falhas da democracia americana ao conectar o liberalismo ao totalitarismo se manifesta de uma nova maneira. Ele observa que, no processo de lutar ostensivamente contra o totalitarismo durante a Guerra Fria, o próprio governo americano passou a incorporar uma forma totalizante de poder. Essa crítica culmina em seu diagnóstico de uma crise do século XXI: a condição neoliberal de “totalitarismo invertido”. Aqui Wolin argumenta não apenas que o sistema político americano compartilha algumas características com o totalitarismo, mas também que está começando a constituir uma nova versão do totalitarismo emergindo de dentro, e não em reação ao liberalismo.

**Palavras-chave:** Democracia. Totalitarismo. Liberalismo.

**Abstract:** This article questions the critical dimension of democracy analyzed by Sheldon S. Wolin. Starting in the 1980s, Wolin’s impulse to diagnose the failings of American democracy by connecting liberalism to totalitarianism manifests in a new way. He observes that, in the process of ostensibly fighting totalitarianism through the Cold War, American government has itself come to embody a

---

\* Artigo recebido em 24.11.2022 e aprovado para publicação em 31.08.2023.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (2000). Professor Titular na Universidade Federal do Ceará – UFC. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC.

totalizing form of power. This critique culminates in his diagnosis of a twenty-first century crisis: the neoliberal condition of “inverted totalitarianism.” Here Wolin argues not only that the American political system shares some features with totalitarianism but also that it is starting to constitute a new version of totalitarianism emerging from within, rather than in reaction to liberalism.

Keywords: Democracy. Totalitarianism. Liberalism.

## Introdução

Sheldon S. Wolin inicia o seu livro *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism* (2008) com um conjunto de imagens impressionantes. Ele lembra como *O Triunfo da Vontade*, dirigido por conhecida simpatizante do nazismo Leni Riefenstahl, comemora o comício de 1934 do Partido Nacional Socialista. De um céu dramaticamente nublado e cinza (o filme é em preto e branco) desce um pequeno avião transportando o Führer. A câmera segue com maestria os movimentos do avião através das nuvens, refletidos nos rostos expectantes e adutores dos homens, em sua maioria jovens, reunidos no enorme campo abaixo.<sup>1</sup> Em 1º de maio de 2003, Wolin nos lembra, outro avião militar desce “do céu para pousar em um porta-aviões... O líder surge não como um simples e democrático detentor de um cargo, mas como alguém cuja autoridade simbólica é antidemocrática. Ele também prometeu um triunfo da vontade”.<sup>2</sup> Ao justapor o comício de Hitler em Nuremberg ao anúncio prematuro e fraudulento de George W. Bush de uma “missão cumprida” no Iraque, Wolin “dá um soco nas costelas” dos defensores da democracia americana. Estamos prestes a perder a República americana, argumenta ele, menos por causa da possibilidade de sermos vencidos por um regime totalitário, mas em razão de “uma certa imprudência, uma incapacidade de levar a sério até que ponto um padrão de consequências pode tomar forma sem ter sido preconcebido”,<sup>3</sup> se espalhou na vida pública americana.

O “totalitarismo invertido” – o termo de Wolin para essas transformações imperceptíveis, mas fatídicas – não é, como o totalitarismo clássico, baseado em um movimento ou partido dominante no aparato estatal; ao contrário, o totalitarismo invertido “desmobiliza” e “desagrega” a cidadania.<sup>4</sup> A característica desse regime é a fusão institucional e ideológica do Estado e da corporação: o Estado é visto como a “maior” corporação

---

<sup>1</sup> WOLIN, Sheldon S. *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008, p. 1.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 1-2.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. x.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 44.

e o presidente como seu CEO. A corporação empresarial moderna torna-se o modelo do poder público como tal, com a consequência de que os cidadãos são reduzidos a consumidores manipulados pelo poder da mídia privada e das empresas publicitárias, servindo, por sua vez, às megacorporações.<sup>5</sup> Segundo Wolin, a justificativa do termo “totalitarismo invertido” está no fato da política americana ter sido capturada pelo “imaginário de uma guerra global permanente” desde os ataques de 11 de setembro de 2001.<sup>6</sup> O documento da Estratégia de Segurança Nacional de Bush e sua doutrina de guerra preventiva evocam a ideologia nazista do *Lebensraum*, sustentando que o mundo deve ser seguro para a América, assim como os nazistas argumentaram que tinham o direito de garantir territórios nos quais preservar o futuro da raça ariana.<sup>7</sup> Essa visão de poder ilimitado projetada no mundo não apenas por meio das visões ilusórias do “novo século americano”, mas também por meio da “projeção de poder para dentro”,<sup>8</sup> a serviço de desestabilizar “fronteiras estabelecidas – políticas, morais, intelectual e econômico”, merece um novo termo.<sup>9</sup>

### **1. Democracia fugitiva e excessos da política transgressiva**

Uma das palavras-chave mais conhecidas e associadas ao trabalho de Wolin desde os anos 1990 é o conceito de “democracia fugitiva”. O que exatamente o autor quer dizer com sua tese de que a democracia nas condições modernas pode necessariamente ser apenas um assunto “passageiro”? Uma ideia central no ensaio de Wolin de 1994 com o mesmo nome é que a prática democrática está associada a uma experiência de perda constante: “A experiência de que a democracia testemunha é a percepção de que o modo político de existência é tal que pode ser, e é periodicamente perdido.”<sup>10</sup> Wolin desenvolve essa “visão trágica” da democracia, não apenas a partir de seu diagnóstico de que a era pós-industrial, caracterizada pelo paradigma da “soberania do consumidor”,<sup>11</sup> é “dominada pela perda”.<sup>12</sup> Na esfera política isso afeta particularmente a perda de nossa “capacidade de nos tornar seres que sabem e apreciam o que significa participar do cuidado e melhoria de nossa vida

---

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 59.

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 15 e p. 28.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 48.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. xiii.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. xv.

<sup>10</sup> WOLIN, Sheldon S. Fugitive Democracy, in: *Constellations* 1:1 (2004), p. 23.

<sup>11</sup> WOLIN, Sheldon S. *Tocqueville Between Two Worlds: The Making of a Political and Theoretical Life*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 571.

<sup>12</sup> WOLIN, Sheldon S. Political Theory as a Vocation, in: *American Political Science Review* 63:4 (1969), p. 1062.

comum e coletiva e assumir a responsabilidade por ela”.<sup>13</sup> No entanto, devido à crescente penetração de cálculos de custo-benefício em todas as áreas da vida, essa perda é geralmente percebida como uma liberação de obrigações desnecessárias para o serviço do bem-estar público, que não estão em uma relação custo-benefício individual adequada.<sup>14</sup> A descrição pessimista de Wolin do estado da democracia moderna leva-o à conclusão de que a democracia não é uma forma de governo, mas sim “um modo de ser”<sup>15</sup> ou “um modo de vida”,<sup>16</sup> não é moldada por processos específicos de tomada de decisão, critérios de legitimidade ou razão, mas pela experiência de uma dissolução “episódica” das fronteiras do espaço político em tais “momentos demóticos” em que o espaço político é aberto a vozes anteriormente excluídas.<sup>17</sup> O conceito de democracia não é aqui definido em termos de um “conceito institucional de ordem”, mas sim no sentido de um “conceito de ação”. Mas o que exatamente Wolin quer dizer com sua tese de que a democracia “está destinada a ser um momento e não uma forma”?<sup>18</sup>

A natureza episódica ou “fugitiva” da democracia não deve ser lamentada, mas sim celebrada. Tendo alinhado a democracia com a revolução, Wolin esclarece em *Fugitive Democracy* (1996), “a revolução pode ser definida para nosso propósito como a transgressão total de formas herdadas”. Em *Transgression, Equality, and Voice* (1996), ele associa essas tendências transgressivas do *demos* com a compreensão de Spinoza do “*conatus*”, o esforço de uma coisa para perseverar em seu próprio ser. Aplicando essa noção de *conatus* à democracia da Antiga Atenas, ele escreve: “O caráter *conatus* da democracia ateniense alcançou uma democracia na qual seres humanos comuns superaram as barreiras do poder representadas por riqueza, status, educação e tradição e conseguiram inventar a prática da ação coletiva em uma base contínua”.<sup>19</sup> De fato, ele afirma que esse caráter “*conatus*” do *demos*, sua inclinação para romper todas as barreiras e se aprofundar, também levou Atenas ao império: “O império era testemunho dos impulsos transgressivos e agressivos dos Muitos”.<sup>20</sup>

---

<sup>13</sup> WOLIN, Sheldon S. *The Presence of the Past*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1989, p. 139.

<sup>14</sup> WOLIN, *The Presence of the Past*, p. 139; WOLIN, *Tocqueville Between Two Worlds: The Making of a Political and Theoretical Life*, p. 569; MCIVOR, David. The Conscience of a Fugitive: Sheldon Wolin and the Prospects for Radical Democracy, in: *New Political Science* 38 (3), p. 417-27; MICHELSEN, Danny. *Kritischer Republikanismus und die Paradoxa konstitutioneller Demokratie. Politische Freiheit nach Hannah Arendt und Sheldon Wolin*. Wiesbaden: Springer VS, 2019, p. 210-224.

<sup>15</sup> WOLIN, *Fugitive Democracy*, p. 25.

<sup>16</sup> WOLIN, *Tocqueville Between Two Worlds: The Making of a Political and Theoretical Life*, p. 63.

<sup>17</sup> WOLIN, *Fugitive Democracy*, p. 11.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>19</sup> WOLIN, Sheldon S. *Transgression, Equality, and Voice*, in OBER, Josiah and HEDRICK, Charles (eds.) *Demokratia: A Conversation on Democracies Ancient and Modern*, Princeton NJ: Princeton University Press, 1996, p. 85.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 77.

Dado que esse entendimento transgressivo da democracia contrasta com a visão arcaica anterior do próprio Wolin, podemos entender suas teorias democráticas dos anos 1980 e 1990 como pertencentes a dois períodos distintos. De fato, alguns leitores consideram suas teorizações sobre a democracia fugitiva na década de 1990 como implicando uma total aceitação da política de ruptura e uma rejeição de seu foco anterior nas formas locais. Por exemplo, Nicholas Xenos parece sugerir em 2001 que Wolin decidiu a favor da política transgressiva.<sup>21</sup> Em 2017, ele afirma mais explicitamente que, para Wolin, “uma democracia que desafia fronteiras torna-se o único oponente de uma superpotência que desafia fronteiras”.<sup>22</sup> De uma perspectiva mais crítica, George Kateb repreende Wolin em 2001 por privilegiar protestos transgressivos sobre uma forma genuinamente democrática de governo. De acordo com ele, “o maior compromisso retrospectivo de Wolin não é com a democracia participativa bem estabelecida de Atenas, mas com suas outras tendências mais demóticas ou extremas”.<sup>23</sup> “A referência a Spinoza é apenas levemente útil”, deduz Kateb, porque “o que Wolin tem em mente é mais bem captado por uma noção como selvageria”.<sup>24</sup> De fato, ele alega, a compreensão de democracia de Wolin equivale apenas a “vingança contra a desigualdade” ou “raiva” destrutiva.<sup>25</sup> Kateb também aponta para a estranheza da aparente celebração de Wolin do imperialismo ateniense como “‘o maior monumento’ ao esforço do demótico ‘ator coletivo’”.<sup>26</sup> Embora as suas caracterizações da posição de Wolin sejam às vezes grosseiras (por exemplo, ele afirma que Wolin “odeia a modernidade”), ele está certo ao dizer que a transgressão por si só não é um ideal democrático satisfatório.<sup>27</sup> Além disso, há fundamentos em *Norm and Form: The Constitutionalizing of Democracy* (1994) e outros ensaios para a conclusão de Kateb segundo a qual Wolin dispensou inteiramente as práticas sustentadas de deliberação em favor da falta de forma e da transgressão.<sup>28</sup> No entanto, se estivermos atentos aos momentos de ambivalência desses ensaios e ao seu lugar na obra mais ampla de Wolin, a conclusão de Kateb parece apressada e parcial.

---

<sup>21</sup> XENOS, Nicholas. Momentary Democracy. In: BOTWINICK, Aryeh e CONNOLLY, William (eds). *Democracy and Vision: Sheldon Wolin and the Vicissitudes of the Political*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 25-38.

<sup>22</sup> XENOS, Nicholas. Totalitarian Democracy Reditio, in: *Contemporary Political Theory* 16:1 (2017), p. 111.

<sup>23</sup> KATEB, George. Wolin as a Critic of Democracy. In BOTWINICK, Aryeh e CONNOLLY, William (eds). *Democracy and Vision: Sheldon Wolin and the Vicissitudes of the Political*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 52.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 54.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 47.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 55.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>28</sup> Ensaios reunidos por Nicholas Xenos na coletânea: WOLIN, Sheldon S. *Fugitive Democracy and Other Essays*. Edited by Nicholas Xenos. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2016.

Em *Transgression, Equality, and Voice*, o investimento contínuo de Wolin no que chamei de “formas” locais de deliberação democrática torna-se mais claro. Aqui ele afirma que a democracia ateniense foi capaz de produzir uma distribuição de poder mais igualitária do que a “democracia eleitoral” contemporânea, não apenas por causa de seus impulsos transgressores, mas também por causa das práticas deliberativas sustentadas que cultivou. “Cidadania é uma atividade deliberativa”, afirma ele, e em Atenas “a política deliberativa foi o elemento crucial na experiência pela qual um *demos* se construiu como ator político”.<sup>29</sup> Enquanto o *demos* ateniense era “impulsionado pelo *conatus*”, ele gerava uma distribuição igualitária de poder apenas porque os atenienses podiam transformar “a besta” em “um cidadão deliberativo”.<sup>30</sup> Em *Fugitive Democracy*, Wolin também honra o ideal da deliberação quando afirma:

Tomarei o político como uma expressão da ideia segundo a qual uma sociedade livre composta por diversidades pode desfrutar de momentos de comunalidade quando, por meio de deliberações públicas, o poder coletivo é usado para promover ou proteger o bem-estar da coletividade.<sup>31</sup>

No mesmo ensaio, ele se refere à democracia como um “momento restaurador”, o que parece estar em desacordo com o ideal de uma “transgressão em massa das formas herdadas”.<sup>32</sup>

Esses elementos da visão arcaica de democracia de Wolin também persistem na edição ampliada de *Politics and Vision* (2004). Nesse texto, ele novamente se refere ao caráter episódico ou “necessariamente ocasional” da democracia.<sup>33</sup> No entanto, em contraste com uma política transgressora que desafia limites, ele também defende uma política que “afirma o valor dos limites”.<sup>34</sup> Lembrando-nos das memórias, culturas e práticas locais que perduraram ao longo do tempo, ele afirma: “Um americano é um cidadão, não apenas de uma nação, mas de um bairro, localidade, país e Estado. Essas entidades têm raízes institucionais e tradições participativas mais antigas que as constituições”.<sup>35</sup> A edição expandida eleva ainda mais as instituições e os costumes locais por meio de uma leitura favorável de John Dewey, a quem Wolin elogia como “talvez o exemplo americano mais notável do intelectual público”.<sup>36</sup> Dewey criticou as versões dominantes do liberalismo por confinar a democracia à “máquina” governamental.<sup>37</sup>

---

<sup>29</sup> WOLIN, *Transgression, Equality, and Voice*, p. 71.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>31</sup> WOLIN, *Fugitive Democracy*, p. 31.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>33</sup> WOLIN, Sheldon S. *Politics and Vision*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004, p. 602.

<sup>34</sup> *Ibid.*, p. 606.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 603.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 503.

<sup>37</sup> DEWEY, John. *The Public and Its Problems*. Athens, OH: Swallow Press, 1954, p. 146.

Mas, longe de ser um teórico da transgressão total, ele concebeu a democracia como um modo de vida dependente de hábitos e costumes duradouros. “Dewey”, explica Wolin com admiração, “chamou a atenção para uma tradição longa e distintamente americana de vida comunitária local”.<sup>38</sup> Embora o autor alegue que Dewey era insuficientemente crítico do capitalismo e ingenuamente entusiasmado com o potencial democrático da ciência moderna, sua apreciação das formas locais capturou algo importante sobre a democracia.

Assim, enquanto algumas passagens dos textos de Wolin sobre a democracia fugitiva apontam para uma política sem forma ou totalmente transgressiva, outras passagens parecem preservar sua ênfase anterior na tradição e nas formas deliberativas locais. Podemos recorrer novamente a *Norm and Form: The Constitutionalizing of Democracy* para compreender como esses aspectos contrastantes da democracia podem ser combinados. Aqui, afirma: “A democracia é única por estar relacionada a todas as constituições; não é tanto amorfo quanto polimorfo”.<sup>39</sup> Nesta compreensão “polimorfa”, a democracia não é redutível a nenhuma forma particular, mas pode às vezes habitar formas deliberativas locais, enquanto outras vezes possui uma qualidade mais transgressiva e sem forma. Da mesma forma, em *Transgression, Equality, and Voice*, ele descreve a democracia como “um fenômeno que pode ser abrigado, mas não realizado, dentro de uma forma”.<sup>40</sup> E, na edição ampliada de *Politics and Vision*, ele concebe a democracia como “abrangendo uma ampla gama de formas e mutações possíveis que respondem às queixas por parte daqueles que não têm meios de reparação a não ser arriscar coletivizar seus pequenos pedaços de potência”. “Talvez, então”, continua ele, “a democracia deva ser sobre formas em vez de uma forma ou constituição”.<sup>41</sup> Essa compreensão “polimorfa” da democracia é mais promissora do que a concepção da ruptura criticada por Kateb. Sinaliza a capacidade de Wolin de ver por meio da perda das tradições deliberativas locais, sem dispensá-las.

O entendimento polimorfo de democracia de Wolin aponta para uma noção multifacetada de cidadania, que ele ocasionalmente pressagia em textos anteriores. Como observa David McIvor, Wolin refere-se brevemente em *The Presence of the Past* (1989) a uma noção de “múltiplo eu cívico, aquele que é obrigado a agir como cidadão em diversos contextos”.<sup>42</sup> McIvor não parece considerar os momentos de transgressão como uma modalidade do

---

<sup>38</sup> WOLIN, *Politics and Vision*, p. 514.

<sup>39</sup> WOLIN, *Norm and Form: The Constitutionalizing of Democracy*. In: EUBEN, Peter J., WALLACH, John R., e OBER, Josiah (eds.). *Athenian Political Thought and the Reconstruction of American Democracy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1994, p. 50.

<sup>40</sup> WOLIN, *Transgression, Equality, and Voice*, p. 63.

<sup>41</sup> WOLIN, *Politics and Vision*, p. 602.

<sup>42</sup> WOLIN, *The Presence of the Past*, p. 190-191.

eu cívico múltiplo, afirmando que “Wolin estava preocupado com projetos democráticos duradouros envolvendo horizontes de tempo mais longos, em vez de erupções momentâneas de resistência”.<sup>43</sup> No entanto, eu argumentaria que os ensaios de Wolin sobre a democracia fugitiva abraçam interrupções momentâneas como atos significativos de cidadania ao lado de projetos duradouros. No ensaio anterior de Wolin, *What Revolutionary Action Means Today* (1982), ele também aponta para uma noção multifacetada de cidadania, afirmando: “A velha cidadania deve ser substituída por uma noção mais ampla e completa de ser cuja politicidade será expressa não em um ou dois modos de atividade – votar ou protestar – mas em muitos”.<sup>44</sup> Como observa Jason Frank, este ensaio em particular exhibe uma “combinação distinta do extraordinário e do comum, do revolucionário e do cotidiano”.<sup>45</sup> De modo mais geral, Frank identifica uma “tensão produtiva” entre o conservadorismo de muitas das palavras-chave de Wolin – “herança”, “direito de primogenitura”, “cuidar”, “lembrança” e “renovação” – e sua apreciação contrastante do “evento insurgente”.<sup>46</sup>

Embora McIvor e Frank apreciem que a teoria democrática de Wolin incorpora registros múltiplos, eles não reconhecem ou explicam totalmente sua mudança marcante na ênfase da política arcaica para a transgressiva na década de 1990. Argumentei que, se rastreamos como a sua teoria democrática evolui ao longo do tempo, sua recém-descoberta apreciação da transgressão aparece em parte como um antídoto para as limitações de sua visão arcaica anterior e como um esforço para superar a perda. Lamenta a perda de formas deliberativas locais de democracia na década de 1980 porque as considera um contrapeso às forças antidemocráticas de centralização e capitalismo corporativo. Por meio de canais locais estabelecidos, ele espera, os cidadãos podem começar a sustentar um poder alternativo. No entanto, as tradições locais também podem perpetuar hierarquias sociais, como raça e gênero. Como a democracia “condena sua própria negação de igualdade e inclusão”, Wolin se afasta de sua tentativa melancólica de recuperar uma identidade perdida por atacado e, em vez disso, teoriza a comunalidade democrática como uma “autoconfiguração contínua do *demos*”.<sup>47</sup> Embora as formas deliberativas locais ainda possam desempenhar algum papel nesse processo de reformulação, as erupções transgressivas podem ser especialmente adequadas para desalojar hierarquias antigas. Ao mesmo tempo, não está claro como uma “transgressão total de formas herdadas” pode sustentar o poder igualitário ao longo do tempo. Por essas razões, preserva sua ênfase anterior nas formas deliberativas locais ao lado da política transgressiva.

---

<sup>43</sup> MCIVOR, *The Conscience of a Fugitive*, p. 413.

<sup>44</sup> WOLIN, Sheldon S. *What Revolutionary Action Means Today*, in: *Theory and Event* 1:1 (1997), p. 27.

<sup>45</sup> FRANK, Jason. *Is Radical Democracy a Tradition?*, in: *Contemporary Political Theory* 16:1 (2017), p. 80.

<sup>46</sup> *Ibid.*

<sup>47</sup> WOLIN, *Transgression, Equality, and Voice*, p. 80.

Embora possamos traçar essa evolução no pensamento de Wolin ao longo do tempo, seus ensaios de 1990 sobre a democracia fugitiva não afirmam claramente que sua virada à política transgressiva visa confrontar as limitações da democracia arcaica. Tampouco esclarecem as tensões existentes entre esses registros de cidadania. Embora ensaios como *Norm and Form: The Constitutionalizing of Democracy* e *Transgression, Equality, and Voice* ofereçam sugestivamente uma compreensão “polimorfa” da democracia, eles também misturam aspectos deliberativos locais e transgressivos da democracia de maneiras confusas. Wolin talvez faça mais para esclarecer a tensão produtiva entre os aspectos arcaicos e transgressivos de sua política no ensaio posterior, *Agitated Times* (2005). Aqui ele argumenta que, por um lado, a democracia deve preservar um lugar importante para as tradições e formas deliberativas locais que sustentam o poder. De fato, indiscutivelmente, ele permanece principalmente comprometido com essa política deliberativa local, afirmando: “As melhores esperanças da democracia estão no nível local do estado, condado e município. Nesses locais, o ritmo da política é mais lento, as oportunidades para parar e pensar são mais numerosas e as possibilidades de participação significativa são maiores”.<sup>48</sup> Por outro lado, Wolin reconhece abertamente: “As virtudes comunais da democracia local são inseparáveis dos vícios do provincianismo”.<sup>49</sup> Porque o localismo é “estabelecido em seus caminhos”, ele está “seriamente precisando” de uma política mais eruptiva que desafie suas hierarquias sedimentadas: “Entra na agitação como protesto em massa, manifestação estridente, teatro de rua com ritmos dissonantes, cacofonias que contrastam, mas complementam os ritmos mais lentos da política paroquial”.<sup>50</sup> Tais momentos de ruptura podem “ser um meio de educar o particularismo, energizando-o para desafiar o centro”.<sup>51</sup> Dadas as tendências paroquiais da política arcaica e a evanescência da política transgressora, eles podem conter os excessos uns dos outros como parte de uma democracia polimorfa.

## **2. Democracia incorporada e totalitarismo invertido**

Os esforços de Wolin para questionar a democracia americana do pós-guerra, traçando conexões entre o liberalismo e o totalitarismo, são retoricamente poderosos. No mínimo, eles sugerem que a antítese amplamente aceita entre liberalismo e totalitarismo pode obscurecer aspectos antidemocráticos da ordem política americana. Essa estrutura para diagnosticar os males políticos da América permanece atraente e constante ao longo de

---

<sup>48</sup> WOLIN, Sheldon S. *Agitated Times*, in: *Parallax* 1:4 (2005), p. 10.

<sup>49</sup> *Ibid.*

<sup>50</sup> *Ibid.*

<sup>51</sup> *Ibid.*, p. 11.

sua carreira. Em seus primeiros trabalhos, defende a tese segundo a qual o vácuo do liberalismo pode dar lugar ao totalitarismo e as sociedades liberal e totalitária têm características organizacionais em comum. Mas seu trabalho posterior vai além e afirma que os Estados Unidos efetivamente se tornaram um regime totalitário “invertido”. Wolin descobre que o totalitarismo emergiu, não por meio de uma reação repentina ao vácuo do liberalismo, mas gradualmente, de dentro do próprio modelo liberal. Esse diagnóstico de totalitarismo invertido é útil tanto para remediar alguns dos pontos cegos anteriores de Wolin quanto para iluminar aspectos de nossa condição política contemporânea.

Na virada do século XXI, Wolin registra uma nova crise sistêmica. Observa-se o surgimento de uma forma de “poder pós-moderno” qualitativamente diferente do poder organizacional moderno. A edição expandida de *Politics and Vision*, publicada em 2004, inclui o texto original acrescido de sete novos capítulos. Por meio de leituras relativamente simpáticas de John Dewey e Karl Marx, esses capítulos expressam simultaneamente a crescente apreciação por culturas democráticas de base e a progressiva hostilidade em relação ao capitalismo corporativo. Ao mesmo tempo, a edição expandida descreve o diagnóstico acerca da mudança nas três décadas anteriores em direção ao poder pós-moderno. Na pós-modernidade, o Estado centralizado ganhou força, mas se funde com o poder corporativo transnacional que irrompe pelos constrangimentos constitucionais. Enquanto o poder moderno dependia principalmente da organização burocrática, o poder pós-moderno também emprega “estruturas ‘mais leves’” – mercados, corporações transnacionais e agências – que desafiam tais fronteiras.<sup>52</sup> É “simultaneamente concentrado e desagregado”, operando não apenas por meio de um “megaestado”, mas também semelhante a uma “forma sem forma” (“formless form”).<sup>53</sup> Wolin sugere na edição ampliada que o poder pós-moderno é ainda mais ameaçador à democracia do que o poder moderno. A globalização do capital e a precarização do trabalho aceleram o deslocamento social e o desenraizamento que ele afirma já terem sido iniciados pela moderna “era da organização”. Enquanto isso, a fusão do poder estatal e corporativo transnacional significa que os cidadãos estão cada vez mais sujeitos a forças fora de seu controle ou compreensão.

À medida que o poder burocrático moderno se transformava em poder “sem forma” pós-moderno, o final da Guerra Fria também fez dos Estados Unidos o protagonista principal na hegemonia global. Dado o crescente domínio militar da América em todo o mundo, Wolin modifica – na edição expandida – a referência ao regime americano como um “megaestado” para chamá-lo de “Superpotência”. As guerras no Afeganistão e no Ira-

---

<sup>52</sup> WOLIN, *Politics and Vision*, p. xviii.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. xxii, p. 559.

que após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 aguçam a sua atenção aos aspectos imperiais do poder americano. Ele também observa um regime doméstico de punição e controle cada vez mais repressivo, exemplificado pela militarização do policiamento e a dramática expansão do sistema prisional.<sup>54</sup> Essa evolução do poder americano equivale a uma mudança de regime, da forma despolitizada e hierárquica de democracia liberal observada em meados do século passado, a uma condição ainda mais ameaçadora.<sup>55</sup> De fato, Wolin conclui a edição ampliada sugerindo que o poder americano tornou-se tão imenso e antidemocrático que deveríamos considerar classificá-lo como um novo tipo invertido de “totalitarismo”. No processo de supostamente lutar contra o totalitarismo durante a Guerra Fria, os Estados Unidos não apenas falharam em perceber seus déficits democráticos, mas também sucumbiram às suas próprias tendências totalizantes.

Na última década de sua carreira, e especialmente em seu último livro *Democracy Incorporated*, Wolin defende essa caracterização do poder americano do século XXI como “totalitária”. Em vez de simplesmente invocar o totalitarismo segundo a imagem a criticar o liberalismo, tenta aqui defini-lo pela primeira vez por meio de comparações entre suas versões clássica e invertida. Admitindo-se a sua formulação do totalitarismo invertido segundo uma “tentativa, hipotética”, Wolin identifica uma semelhança central entre o totalitarismo clássico e o contemporâneo em suas aspirações compartilhadas de expandir e dominar globalmente.<sup>56</sup> Os Estados Unidos sucumbiram a um “imaginário de poder”, segundo ao qual “busca constantemente expandir as capacidades atuais”.<sup>57</sup> O termo “superpotência” ainda representar o tipo particular de expansionismo dos Estados Unidos, tanto o domínio econômico quanto no poderio militar. Por meio de seus esforços para espalhar a “democracia” ao redor do globo, os Estados Unidos projetam um poder que é “indeterminado, impaciente com restrições e descuidado com os limites, decidido a dominar o mundo”.<sup>58</sup> Embora Wolin reconheça elementos do imperialismo americano que remontam ao século XIX, a superpotência que conhecemos hoje surgiu apenas durante a luta contra o inimigo transnacional do comunismo na Guerra Fria. No século XXI, o terrorismo torna-se a ameaça transnacional que alimenta o expansionismo americano. Nem a eleição a eleição de Barack Obama alterou essas tendências expansionistas, segundo o autor.

Wolin insiste na relação antitética entre o “imaginário de poder” expansionista e o “imaginário constitucional”. Este último é baseado na estabilidade e limites de um Estado e na capacidade dos cidadãos de se autogovernar.

---

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 577.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. xvi-xvii.

<sup>56</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. xxiv.

<sup>57</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. xvii.

Assim, a política econômica e militar cada vez mais imperial dos Estados Unidos marca um afastamento paradigmático de sua identificação com o constitucionalismo. Essa oposição entre o “imaginário do poder” e o “imaginário constitucional” pretende apoiar a afirmação de Wolin de que os desenvolvimentos no poder americano constituem uma mudança de regime. Para explicar melhor isso, ele retorna ao pensamento político de Hobbes, “o teórico por excelência do poder imaginário e um favorito entre os *neocons*.”<sup>59</sup> Hobbes “imaginou uma dinâmica enraizada na natureza humana e impulsionada por uma busca ‘incansável’ de ‘poder após poder’ [*power after power*] que ‘cessa apenas com a morte’.”<sup>60</sup> À medida que o poder se expande, ele supera cada vez mais os limites do Estado imaginado por Hobbes. Nesse sentido, sugere Wolin, a teoria política do filósofo de Malmesbury contém uma tensão latente ao combinar a busca incessante por poder com o imaginário limitado de um Estado moderno. É interessante notar que Hannah Arendt assume exatamente o mesmo ponto de vista em relação à tensão latente na compreensão de poder de Hobbes ao discutir o imperialismo do século XIX.<sup>61</sup>

Além de oferecer esta análise da “superpotência”, Wolin aponta a várias dinâmicas domésticas para fundamentar sua afirmação de que o poder americano não é apenas imperial, mas também totalitário. Ele destaca novamente a militarização do policiamento e a expansão do aparato punitivo, bem como a ampla vigilância governamental dos cidadãos. Semelhante aos regimes totalitários clássicos, os Estados Unidos têm um corpo legislativo fraco, evidenciado por impasses no Congresso, frequentes paralisações do governo e a contínua delegação de poder ao presidente. As liberdades civis foram restringidas, por exemplo, por meio do Ato Patriota (*Patriot Act*) de 2001 e da confiança de George W. Bush em tribunais militares extrajudiciais. Observando a dramática consolidação da propriedade da mídia nas últimas décadas, Wolin também observa que o totalitarismo invertido é “auxiliado por uma mídia bajuladora e cada vez mais concentrada”.<sup>62</sup> Como nos regimes totalitários clássicos, testemunhamos ainda mais a normalização da mentira e a indefinição da linha entre fato e ficção no discurso público. Finalmente, os acadêmicos deixaram de servir como críticos efetivos do poder, tornaram-se instrumentos do regime.

Enquanto o sistema atual compartilha com o totalitarismo clássico uma aspiração de poder ilimitado e suas dinâmicas domésticas, Wolin observa que seus “métodos e ações parecem de cabeça para baixo”.<sup>63</sup> Diferenças são reveladas, enquanto os regimes clássicos aproveitaram o poder do

---

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 19.

<sup>60</sup> *Ibid.*

<sup>61</sup> ARENDT, Hannah. *Origins of Totalitarianism*. New York, NY: Harcourt, 1968, p. 139-143.

<sup>62</sup> WOLIN, Sheldon S. Inverted Totalitarianism, in: *The Nation*, May 19, 2003.

<sup>63</sup> *Ibid.*

Estado para controlar a economia e expandir militarmente, o totalitarismo invertido é “apenas em parte um fenômeno centrado no Estado”.<sup>64</sup> Como observado anteriormente, sua forma sem forma emerge de uma “relação simbiótica”, uma fusão sem precedentes de poder estatal e corporativo.<sup>65</sup> De acordo com a análise de Arendt sobre a Alemanha, a burguesia primeiro destruiu o Estado-nação por meio da expansão imperial, mas depois foi “liquidada” junto com todas as outras classes sociais quando a “turba” nazista e sua ideologia com apelo racial assumiram o controle.<sup>66</sup> No totalitarismo invertido, no entanto, a elite econômica permanece no controle. Nas palavras de Wolin, trata-se do “amadurecimento político do poder corporativo”.<sup>67</sup> Além disso, enquanto o primeiro mobilizou as massas por meio de uma visão política da identidade coletiva, o segundo é “pós-político”. O totalitarismo invertido não se baseia em uma ideologia de uma raça ou classe triunfante, mas sim na ideologia individualizante e “anticoletivista” do neoliberalismo globalizado.<sup>68</sup> À vista disso, ele prospera em uma cidadania isolada e descomprometida, em vez de cheia de entusiasmo: “O totalitarismo clássico mobilizou seus súditos; o totalitarismo invertido os fragmenta”.<sup>69</sup> Embora a “política” ou os conflitos entre diferentes interesses individuais ou de grupo são abundantes, a comunhão política foi perdida. Em outras palavras, o totalitarismo invertido é essencialmente a culminação do vácuo político do liberalismo, e não uma reação a ele. Essa noção de totalitarismo pós-político lembra o “despotismo democrático” que Tocqueville temia que ocorreria se o poder do Estado se tornasse centralizado e o individualismo afastasse as pessoas da esfera pública. A novidade, o Estado centralizado foi substituído por uma fusão de Estado e poder corporativo que Tocqueville não poderia ter imaginado. Por último, Wolin insiste: o totalitarismo invertido está “em aparente continuidade ininterrupta com as tradições políticas da nação”.<sup>70</sup> O clássico, o nazismo e o fascismo italiano, “mal escondiam suas intenções de dismantelar os governos parlamentares existentes em seus países”.<sup>71</sup> Esses regimes dependiam do governo pessoal de uma figura carismática que se gabava de romper com o sistema estabelecido. O regime de totalitarismo invertido, em vez disso, depende de agentes políticos profissionais que constantemente esvaziam a democracia constitucional por dentro. O sistema partidário é mantido, mas está completamente corrompido por doações corporativas e lobistas.

---

<sup>64</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. xviii.

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 132.

<sup>66</sup> ARENDT, *Origins of Totalitarianism*, p. 124.

<sup>67</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. xviii.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 112.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 196.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 46.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 50.

Em *Democracy Incorporated*, Wolin defende a tese do governo constitucionalmente limitado representar o modelo mais propício à democracia do que o poder pós-moderno sem limites. Embora ele permaneça crítico dos impulsos antidemocráticos dos fundadores dos EUA, nos exorta a defender o “imaginário constitucional” contra um “imaginário de poder” imperial. Condena a “decadência” das instituições representativas dos Estados Unidos e admite que “a cidadania moderna tem necessidades que excedem os recursos locais” e “só podem ser atendidas por meio do poder do Estado”.<sup>72</sup> Wolin ainda nos aconselha a “criar uma contra elite de servidores públicos democráticos”.<sup>73</sup> Insiste também na experiência democrática começar “no nível local” e a promover ações que são “‘informais’, improvisadas e espontâneas”.<sup>74</sup> Permanece ciente dos riscos da ossificação burocrática e da idolatria liberal dos direitos. No entanto, agora compreende a defesa dos direitos constitucionais e das instituições representativas como um elemento vital do renascimento democrático. Em outras palavras, Wolin afirma os aspectos da modernidade compreendidos por Claude Lefort, garantidores do regime simbólico da democracia, mas discorda do pensador francês quando concebe a democracia moderna conforme um regime simbólico que depende de direitos e instituições por definição representativas.<sup>75</sup> Controlar o capital transnacional e o militarismo americano neste momento da história, considera a defesa do constitucionalismo pragmaticamente necessária. Como resultado, chega a uma visão mais equilibrada das demandas da democracia.

Além de remediar esse ponto cego em seu pensamento, o diagnóstico de Wolin do totalitarismo invertido ilumina certos aspectos de nossa condição contemporânea. Ele ilustra poderosamente como a fusão do poder estatal e corporativo se combinou com a hegemonia militar americana e a repressão doméstica para produzir imensas escalas de poder. Há uma força retórica significativa em conectar essas novas formações do poder americano a regimes totalitários e, em alguns casos, os paralelos são adequados. O relato de Wolin sobre a recente fusão do poder estatal e corporativo e a internalização dos valores de mercado também complementa outras

---

<sup>72</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. 291.

<sup>73</sup> *Ibid.*, 291.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 291, 254.

<sup>75</sup> Enquanto em uma democracia moderna se diz que o povo é soberano, Lefort afirma que a aceitação da incerteza e da divisão social significa que a identidade e a vontade deste povo são sempre indeterminadas. O poder político real se move de um detentor a outro, mas nenhum detentor de poder incorpora totalmente o povo. Nesse sentido, ele descreve o lócus simbólico do poder em uma democracia como um “lugar vazio”: “Vide, inoccupable – tel qu’aucun individu ni aucun groupe ne peut lui être consubstantiel –, le lieu du pouvoir s’avère infigurable” (LEFORT, Claude. *Essais sur politique*. Paris: Editions du Seuil, 1986, p. 27). Embora direitos e instituições sejam necessários para manter a indeterminação da democracia, essa abertura e dinamismo também significam que a democracia não pode ser reduzida a um arranjo institucional particular.

análises do neoliberalismo, de Wendy Brown a Chantal Mouffe. Mas a preocupação de Wolin sobre a eliminação das raízes locais, primeiro na era moderna de organização e, posteriormente, na pós-modernidade, torna-o ainda mais sensível ao deslocamento social que ocorre sob o neoliberalismo. Ele reconhece em *Managed Democracy*: “Uma era de mudanças rápidas, implacáveis e incertas deixa muitas, talvez a maioria, das pessoas ansiando por estabilidade, por relacionamentos, crenças e instituições que permaneçam”.<sup>76</sup> Essa abordagem do neoliberalismo é especialmente útil para destacar o valor da estabilidade social e da continuidade histórica em uma era de precariedade e turbulência. Sugere a necessidade urgente de narrativas populares de perda que possam se conectar não apenas com a potencial perda de visão coletiva e a perda da forma convencional do Estado, mas também com a perda de culturas e práticas estabelecidas.

## **Conclusão**

Na década de 1980, Wolin condena um aumento sub-reptício do poder centralizado e o deslocamento simultâneo de valores democráticos por um *ethos* de eficiência econômica e alta tecnologia que ele chama de “economia política”.<sup>77</sup> Na virada do século XXI, essas tendências continuam, enquanto a globalização do capital e a crescente dependência dos políticos dos interesses corporativos começam a produzir um novo tipo de poder pós-moderno. Na era pós-moderna, o poder é “simultaneamente concentrado e desagregado”.<sup>78</sup> O Estado centralizado continua forte, mas as instituições da democracia representativa foram esvaziadas e o poder do Estado agora se funde com o poder corporativo transnacional sem limites que rompe as restrições constitucionais. Wolin identifica nos Estados Unidos uma política externa cada vez mais expansionista e a redução das liberdades civis desde o 11 de setembro como sinalizando a erosão de uma forma política constitucionalmente limitada e uma virada em direção ao imperialismo. Finalmente, ele teme que as tecnologias de comunicação amplamente expandidas e os costumes culturais em rápida mudança através das fronteiras erodam as culturas locais que sustentam a democracia, mesmo que sirvam aos elementos mais transgressores da democracia que ele se esforça para apreciar.

Embora a emergência do poder pós-moderno ocorra em aparente continuidade com o sistema político americano, testemunhamos uma ruptura

---

<sup>76</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. 224-225.

<sup>77</sup> WOLIN, Sheldon S. The People’s Two Bodies, in: *Democracy* 1:1 (1981), p. 9-24.

<sup>78</sup> WOLIN, *Politics and Vision*, p. xxi.

fundamental, até mesmo uma “mudança de regime” do Estado constitucional moderno ao poder totalizante, imperial, mas sem forma.<sup>79</sup> Pós-modernidade é ainda mais ameaçadora à democracia do que o poder organizacional moderno, pois os cidadãos estão cada vez mais sujeitos a forças além de seu alcance e compreensão, o deslocamento social acelera e o engajamento democrático diminui ainda mais. Embora antes o autor tivesse questionado a suposta dicotomia entre liberalismo e totalitarismo identificando relações causais e paralelos entre eles, agora vai além e afirma que a condição “pós-política” do neoliberalismo constitui um novo tipo invertido de totalitarismo. O totalitarismo invertido compartilha características com o totalitarismo clássico: expansionismo agressivo, um corpo legislativo fraco, vigilância, policiamento militarizado e um ambiente de mídia distorcido. Difere, no entanto, em sua atomização e pacificação da população, e em não afirmar abertamente seu afastamento do sistema político existente.

Confrontado com o poder pós-moderno sem limites, Wolin parece finalmente apreciar não apenas as práticas locais estabelecidas e, em uma extensão mais limitada, a política transgressiva, mas também as constituições que sustentam direitos e estabelecem instituições. Em *Democracy Incorporated*, ele expressa consternação com o fato de os Estados Unidos estarem trocando as fronteiras estáveis do constitucionalismo pela expansão imperial. Embora a democracia constitucional não garanta a participação e carregue a ameaça do liberalismo e da ossificação burocrática, Wolin agora parece reconhecer que a jurisdição soberana vinculada à lei que ela fornece é mais propícia à democracia do que o poder pós-moderno sem limites. Assim, ele nos exorta a defender a constituição como parte de uma democracia polimorfa, a “renovar o sentido e a substância da democracia representativa”, a fazer uso do poder do Estado e até a “criar uma contra elite de servidores públicos democráticos”.<sup>80</sup> A literatura secundária sobre o autor até agora mal reconheceu como seu diagnóstico do totalitarismo invertido marca uma mudança tardia em sua postura em relação às instituições da democracia representativa.

---

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. xvi.

<sup>80</sup> WOLIN, *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*, p. 291.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *Origins of Totalitarianism*. New York, NY: Harcourt, 1968.
- DEWEY, John. *The Public and Its Problems*. Athens, OH: Swallow Press, 1954.
- FRANK, Jason. Is Radical Democracy a Tradition?. In: *Contemporary Political Theory* 16:1 (2017), p. 76-82.
- KATEB, George. Wolin as a Critic of Democracy In: BOTWINICK, Aryeh e CONNOLLY, William (eds). *Democracy and Vision: Sheldon Wolin and the Vicissitudes of the Political*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 25-57.
- LEFORT, Claude. *Essais sur politique*. Paris: Editions du Seuil, 1986.
- MCIVOR, David. The Conscience of a Fugitive: Sheldon Wolin and the Prospects for Radical Democracy. In: *New Political Science* 38:3 (2016), p. 417-427.
- MICHELSEN, Danny. *Kritischer Republikanismus und die Paradoxa konstitutioneller Demokratie. Politische Freiheit nach Hannah Arendt und Sheldon Wolin*. Wiesbaden: Springer VS, 2019.
- WOLIN, Sheldon S. Political Theory as a Vocation. In: *American Political Science Review* 63:4 (1969), p. 1062-1082.
- WOLIN, Sheldon S. The People's Two Bodies. In: *Democracy* 1:1 (1981), p. 9-24.
- WOLIN, Sheldon S. *The Presence of the Past*. Baltimore, MD: Johns Hopkins University Press, 1989.
- WOLIN, Norm and Form: The Constitutionalizing of Democracy. In: EUBEN, Peter J., WALLACH, John R., e OBER, Josiah (eds.). *Athenian Political Thought and the Reconstruction of American Democracy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1994, p. 29-58.
- WOLIN, Sheldon S. Fugitive Democracy. In: BENHABIB, Seyla (ed.). *Democracy and Difference: Contesting the Boundaries of the Political*. Princeton NJ: Princeton University Press, 1996, p. 31-45
- WOLIN, Sheldon S. Transgression, Equality, and Voice, in *Demokratia: A Conversation on Democracies Ancient and Modern*, ed. Josiah Ober and Charles Hedrick. Princeton NJ: Princeton University Press, 1996, p. 63-90.
- WOLIN, Sheldon S. *Tocqueville Between Two Worlds: The Making of a Political and Theoretical Life*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.
- WOLIN, Sheldon S. Inverted Totalitarianism. *The Nation*, May 19, 2003.
- WOLIN, Sheldon S. Fugitive Democracy. In: *Constellations* 1:1 (2004), p. 11-25.
- WOLIN, Sheldon S. *Politics and Vision*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004.
- WOLIN, Sheldon S. Agitated Times. In: *Parallax* 1:4 (2005), p. 2-11.
- WOLIN, Sheldon S. *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2008.
- WOLIN, Sheldon S. *Fugitive Democracy and Other Essays*. Edited by Nicholas Xenos. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2016.

WOLIN, Sheldon S. What Revolutionary Action Means Today, in: *Theory and Event* 1:1 (1997).

XENOS, Nicholas. Momentary Democracy. In: BOTWINICK, Aryeh e CONNOLLY, William (eds). *Democracy and Vision: Sheldon Wolin and the Vicissitudes of the Political*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 25-38.

XENOS, Nicholas. Momentary Democracy. In: In: BOTWINICK, Aryeh e CONNOLLY, William (eds). *Democracy and Vision: Sheldon Wolin and the Vicissitudes of the Political*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001, p. 25-38.

XENOS, Nicholas. Totalitarian Democracy Reditio. In: *Contemporary Political Theory*

Endereço do autor:

Universidade Federal do Ceará — UFC  
Campus do Pici, ICA  
Av. Mister Hull, S/N — Pici  
60455-760 Fortaleza — CE  
E-mail: felipesahd@ufc.br